



Sherlock Holmes
em:
O homem que andava de
rastros

Por Sir Arthur Conan Doyle

PDF por ZOHAR (zohar@bol.com.br)

CPTurbo.org

O sr. Sherlock Holmes foi sempre de opinião que eu devia publicar os estranhos fatos relacionados com o professor Presbury, com o objetivo de destruir de uma vez por todas os boatos que, há uns vinte anos atrás, agitaram a universidade e repercutiram nos círculos científicos de Londres. Havia, contudo, alguns obstáculos no caminho, e a autêntica história desse curioso caso permaneceu encerrada na caixa de estanho que contém tantos relatos de aventuras do meu amigo. Agora, finalmente, obtivemos permissão para ventilar os fatos que constituíram um dos últimos casos de que Holmes se incumbiu antes de deixar suas atividades. Mas, mesmo agora, têm de se manter certas reticências e certa discrição ao se expor o caso diante do público.

Numa tarde de domingo, no princípio de novembro do ano de 1903, recebi mais uma das lacônicas mensagens de Holmes:

"Venha imediatamente, se não for incômodo; se for, venha da mesma forma.
S. H."

As relações entre nós, naqueles últimos tempos, eram muito especiais. Ele era um homem de hábitos restritos e concentrados, e eu me tornara um desses hábitos. Na qualidade de instituição, eu era como o violino, o tabaco forte, o velho cachimbo preto, os livros de índice, e outras tantas coisas talvez menos desculpáveis. Quando se tratava de um caso de trabalho ativo e se precisava de um companheiro com cujos nervos ele podia contar, eu entrava inevitavelmente em cena. Mas afora isso, eu tinha os meus préstimos. Era o atizador do seu intelecto. Estimulava o detetive. Ele se comprazia em pensar alto na minha presença. A rigor, não se podia dizer que as suas observações fossem feitas para mim (dir-se-ia que muitas delas eram antes endereçadas à cabeceira da sua cama), mas, sem dúvida, uma vez adquirido o hábito, tornara-se de certo modo proveitoso eu intervir com os meus comentários. Se eu o irritava com uma certa morosidade sistemática do meu modo de pensar, essa irritação até servia para fazer com que as suas próprias intuições e impressões, de si já tão brilhantes, cintilassem ainda com mais vivacidade e rapidez. Era esse o meu modesto papel na nossa aliança.

Ao chegar à Baker Street, encontrei-o encolhido na sua cadeira de braços, com os joelhos erguidos, o cachimbo na boca e um largo sulco na fronte cismadora. Era evidente que algum angustioso problema lhe atazanava o espírito. Com um aceno de mão, indicou a minha velha cadeira de braços, mas, exceto isso, durante meia hora não deu qualquer indício de ter notado a minha presença ali. Então, com um estremecimento do corpo, pareceu despertar do seu devaneio, e com o habitual sorriso excêntrico, deu-me as boas-vindas por me ver de regresso àquela casa que já tinha sido o meu lar.

— Há de me desculpar uma certa abstração de espírito, meu caro Watson — disse ele. — Contudo, foram submetidos à minha apreciação alguns fatos curiosos, que, nas últimas vinte e quatro horas, deram por sua vez origem a algumas especulações de caráter mais geral. Tenho pensado seriamente em escrever uma pequena monografia a respeito da utilidade dos cães no trabalho

do detetive.

— Mas isso, Holmes, já é assunto explorado — disse eu. — Cães policiais...

— Não, Watson, não. Esse aspecto do assunto é naturalmente conhecido. Mas existe outro muito mais sutil. Deve se recordar de que, no caso que você, no seu estilo sensacional, associou às Copper Beeches, eu consegui, observando o espírito da criança, formular uma dedução relativa aos hábitos criminosos do pai, burguês de respeito.

— Sim, lembro-me muito bem.

— O curso das minhas idéias relativamente aos cães é análogo. O cão reflete a vida da família. Onde é que já se viu um cão espevitado numa família sorumbática, ou um cão tristonho numa família jovial? Gente rabugenta tem cães rosnadores, gente perigosa tem cães perigosos. E as disposições de espírito passageiras destes talvez reflitam as disposições passageiras dos seus donos.

Abanei a cabeça.

— Há de convir, Holmes, que isso é um pouco forçado.

Ele tornara a encher o cachimbo e sentou-se direito, sem tomar conhecimento do meu comentário.

— A aplicação prática do que acabo de dizer prende-se intimamente ao problema que estou investigando. A meada, como vai ver, tem muitas voltas, e ando à procura do fio que provavelmente está na seguinte pergunta; por que é que Roy, o fiel cão do professor Presbury, tem tentado mordê-lo?

Enterrei-me na minha cadeira, um tanto desapontado. Então era por uma questão tão trivial que tinham me arrancado do meu trabalho? Holmes olhou-me de esguelha.

— Sempre o mesmo Watson! — disse ele. — Você não se convence de que as mais graves questões podem depender das menores coisas. Diga-me: é ou não é estranho que um sisudo filósofo, homem de certa idade (você decerto já conhece Presbury de nome, o famoso fisiologista de Camford), cujo cão se tem mostrado seu dedicado amigo, haja agora sido atacado duas vezes pelo seu próprio animal? Que diz a isso?

— O cão está doente.

— Bem, isso tem de ser levado em conta. Mas o animal não ataca ninguém mais, nem consta que incomode o dono a não ser em ocasiões muito especiais. Curioso, Watson, muito curioso. Mas o jovem sr. Bennett se antecipou, se é que é ele que está tocando a campainha. E eu, que esperava poder conversar longamente com você antes que ele chegasse...



Ouviram-se passos rápidos na escada, uma forte pancada na porta, e logo o novo cliente surgiu diante de nós. Era um homem alto e simpático, dos seus trinta anos, elegantemente vestido, mas com qualquer coisa na atitude que mais fazia pensar no acanhamento de um estudante do que na calma de um homem de sociedade. Apertou a mão de Holmes e depois olhou para mim um pouco surpreso.

— O assunto é bastante delicado, sr. Holmes — disse ele. — Basta considerar as minhas relações com o professor Presbury, tanto em particular como em público. Na verdade, eu dificilmente poderia me justificar se falasse disso diante de uma terceira

pessoa.

— Não tenha receio, sr. Bennett. O dr. "Watson é a própria discrição, e posso lhe assegurar que é um assunto no qual é provável que eu venha a precisar de um ajudante.

— Como quiser, sr. Holmes. Estou certo de que compreenderá o motivo desta minha reserva sobre o assunto.

— Você, Watson, poderá compreendê-la bem quando eu lhe disser que este cavalheiro, o sr. Trevor Bennett, é assistente profissional do grande cientista, em cuja casa reside, e é noivo de sua filha única. Certamente, temos de concordar em que o professor tem todo o direito à sua lealdade e dedicação. Mas a coisa se tornará mais patente se entrarmos logo no assunto, a fim de esclarecer esse mistério tão estranho.

— Assim o espero, sr. Holmes. Não é outro o meu intento. O dr. Watson conhece a situação?

— Não tive tempo de lhe explicar.

— Então talvez seja melhor eu recapitular os fatos antes de acrescentar algum ponto mais recente.

— Eu me incumbirei disso — disse Holmes —, a fim de provar que tenho os acontecimentos na devida ordem. O professor, Watson, é homem de reputação européia. A sua vida tem sido acadêmica. Jamais pairou perto dele a sombra de um escândalo. É viúvo e tem uma filha, Edith. De acordo com informações por mim colhidas, é homem de caráter viril e positivo, e quase se poderia dizer

combativo. Assim eram as coisas até alguns meses atrás.

"Então o curso da sua vida sofreu uma interrupção. Apesar de seus sessenta e um anos, ficou noivo da filha do professor Morphy, seu colega na cadeira de anatomia comparada. Segundo estou informado, não se tratou de um galanteio ponderado de um homem de idade, mas antes do delírio apaixonado de um jovem, pois ninguém seria capaz de se mostrar amante mais devotado. A noiva, Alice Morphy, era uma jovem prendada tanto física como moralmente, circunstância que justificava perfeitamente o entusiasmo que ela inspirou ao professor. Sem dúvida, esse namoro não recebeu plena aprovação da família do próprio professor Presbury.

— Julgamos essa paixão um tanto excessiva — comentou o nosso visitante.

— Isso mesmo. Excessiva e um pouco violenta e forçada. Contudo, o professor Presbury é rico, e não havia objeção da parte do pai. Quanto à filha, ela tinha outros planos, e pretendentes não lhe faltavam, os quais, se eram menos cotados sob o ponto de vista das conveniências sociais, não tinham contra si a diferença de idade. A jovem parecia gostar do professor, apesar das suas excentricidades. O único óbice era a idade.

"Por essa época, um ligeiro mistério estendeu de repente uma sombra sobre a pacata existência do professor. Ele fez uma coisa que antes nunca fizera. Saiu de casa sem deixar nenhuma indicação de seu destino. Esteve ausente durante duas semanas, e ao voltar apresentava sinais de cansaço. Não disse uma palavra sobre o lugar onde estivera, embora fosse em geral um homem muito expansivo. Entretanto, aconteceu que o nosso cliente, o sr. Bennett, recebeu casualmente uma carta de um condiscípulo de Praga, em que este exprimia a sua satisfação por ter visto o professor naquela cidade, embora não tivesse podido falar com ele. Só dessa maneira é que as pessoas da casa souberam onde Presbury tinha estado.

"Agora é que entra o ponto principal. Dessa época em diante, operou-se no professor uma curiosa mudança. Ele se tornou esquivo e dissimulado. As pessoas das suas relações tinham sempre a impressão de que ele já não era o homem que elas tinham conhecido, que havia alguma sombra que lhe obscurecia as altas qualidades. A inteligência não fora afetada. Suas preleções eram brilhantes como sempre. Mas havia algo de novo, de sinistro, de inesperado. A filha, que lhe dedicava grande afeição, redobrou os esforços para fazê-lo voltar ao que era ou ao menos para retirar aquela máscara que o pai parecia ter afivelado nas feições. O cavalheiro aqui presente, conforme chegou ao meu conhecimento, fez o mesmo, mas tudo em vão. E agora, sr. Bennett, conte com suas próprias palavras o episódio das cartas.

— Devo informá-lo, dr. Watson, que o professor não tinha segredos para mim. Se eu fosse seu filho ou seu irmão mais novo, não poderia gozar de mais confiança do que gozava. Na qualidade de seu secretário, passavam pelas minhas mãos todos os papéis que chegavam para ele. Era eu que abria e separava as cartas. Pouco depois do seu regresso, tudo mudou. Ele me disse que era possível que viessem de Londres certas cartas que trariam como

marca uma cruz logo abaixo do selo. Elas teriam que ser postas de parte, pois só ele deveria lê-las. O que posso dizer é que várias destas cartas passaram pela minhas mãos, traziam a marca E.C. e eram escritas em péssima letra. Se o professor respondeu a essas cartas, as respostas não passaram pelas minhas mãos nem foram depositadas no cesto de cartas onde se juntava toda a nossa correspondência.

— E a caixa? — lembrou Holmes.

— Ah, é verdade. Ao voltar das suas viagens, o professor trouxe uma pequena caixa de madeira. Foi a única coisa que sugeria a idéia de que tivesse viajado pelo continente, porque a caixinha é um desses objetos curiosamente lavrados que logo nos trazem à lembrança a Alemanha. Colocou-a no armário onde estão os seus instrumentos. Um dia, procurando uma cânula, peguei a caixa. Para surpresa minha, ele se mostrou muito zangado e, com palavras desabridas, censurou a minha curiosidade. Era a primeira vez que tal coisa acontecia, e fiquei profundamente magoado. Esforcei-me por explicar que pegara aquela caixa por mero acaso, mas durante toda a tarde reparei que me olhava com ar carrancudo e que o incidente não lhe saía da memória, tendo-o irritado muito. — Aqui, o sr. Bennett tirou do bolso uma pequena agenda. — Isso foi a 2 de julho — acrescentou.

— O senhor é certamente uma testemunha ideal — disse Holmes. — Posso vir a precisar de algumas dessas datas que o senhor tão cuidadosamente assentou no seu diário.

— Do meu grande mestre aprendi, entre outras coisas, a observar método em tudo. Desde a época em que notei certo desequilíbrio no seu procedimento, senti que era meu dever estudar o caso. Assim, tenho anotado que foi nesse mesmo dia, 2 de julho, que Roy atacou o professor, quando ele saía do seu gabinete para o vestibulo. Em 11 de julho, deu-se novamente uma cena semelhante, e trago aqui apontado que a mesma coisa se reproduziu no dia 20. Depois disso, tivemos que mandar o cão para o estábulo. Roy era um animal muito afeiçoado a todos nós... Mas receio fatigá-lo.

O sr. Bennett disse essas últimas palavras em tom de censura, porque era evidente que Holmes não lhe prestava atenção. Seu rosto estava rígido, e os olhos fitavam distraidamente o teto. Com um esforço, conseguiu concentrar de novo a atenção.

— Estranho! Muito estranho! — murmurou. — Esses pormenores são novos para mim, sr. Bennett. Creio que já dispomos agora de dados inéditos, não é verdade? Mas o senhor disse que ia acrescentar episódios mais recentes.

A fisionomia agradável e aberta do nosso visitante anuviou-se, naturalmente com alguma recordação triste.

— O que vou narrar passou-se há duas noites — disse ele. — Eu estava deitado mas desperto, por volta das duas horas da madrugada, quando notei um som abafado que vinha do corredor. Abri a porta do meu quarto e espiei.

Devo explicar que o professor dorme no fim do corredor...

— E a data?... — indagou Holmes.

Nosso visitante aborreceu-se visivelmente com essa interrupção tão impertinente.

— Eu disse que o fato se deu há duas noites, isto é, a 4 de setembro.

Holmes aprovou com a cabeça e sorriu.

— Queira continuar — disse.



— Ele dorme no fim do corredor, e tinha de passar diante de minha porta a fim de alcançar a escada. Foi um espetáculo verdadeiramente constrangedor, sr. Holmes. Creio que tenho os nervos em ordem, como qualquer pessoa normal, mas fiquei abalado com o que vi. O corredor estava escuro; apenas uma janela, localizada mais ou menos no meio dele, projetava uma réstia de luz. Pude ver que alguma coisa vinha avançando pelo corredor, uma coisa preta e encolhida. E eis que de repente essa coisa penetrou na claridade, e vi que era ele. Andando de rastros, sr. Holmes...de rastros! Não se arrastava propriamente sobre as mãos e os joelhos. Eu diria antes que caminhava sobre as mãos e os pés, com o rosto enterrado entre as mãos. No entanto, parecia mover-se com desembaraço. Tão fulminado me senti com o que via que só quando ele ia passar pela minha porta é que consegui dar um passo em frente e perguntar-lhe se podia ajudá-lo. Sua resposta foi extraordinária. Pôs-se de pé num pulo, pronunciou um palavrão atroz e passou por mim como um raio, desaparecendo na escada, que desceu a toda a pressa. Esperei mais ou menos uma hora, mas ele não voltou. Deve ter regressado ao quarto já ao raiar do dia.

— Então, Watson, que diz a isso? — perguntou Holmes, com o ar do patologista que apresenta um espécime raro.

— Lumbago, provavelmente. Sei de um caso grave que obrigou um homem a caminhar exatamente desse modo, e não pode haver nada que ponha uma pessoa mais nervosa.

Bravo, Watson! Tem resposta para tudo. Mas dificilmente poderemos acreditar em lumbago, uma vez que Presbury pôde pôr-se de pé num instante.

— O homem nunca esteve melhor de saúde — disse Bennett. — Podem acreditar em mim: conheço-o há anos, e nunca o vi tão bem-disposto. Mas os fatos aí estão, sr. Holmes. Não se trata de um caso em que possamos consultar a polícia, e todavia não temos a mínima idéia do que nos compete fazer, e aflige-nos o pressentimento de que está iminente uma catástrofe. Edith, quer dizer, a srta. Presbury, é, como eu, de opinião que já não devemos aguardar passivamente.

— Não há a menor dúvida de que estamos diante de um caso muito curioso e sugestivo. Que pensa você a este respeito, Watson?

— Falando como médico — disse eu —, parece ser um caso para um psiquiatra. Os processos cerebrais desse homem idoso sofreram um distúrbio por causa da aventura amorosa em que se meteu. O professor viajou na esperança de se libertar da paixão. As cartas e a caixa podem ter relação com qualquer outra transação privada... um empréstimo, talvez, ou certificados de títulos que estão na caixa.

— E o cão sem dúvida reprovou a transação financeira. Não, não, Watson, nessa história há mais do que isso. E o que posso sugerir...

O que Sherlock Holmes ia sugerir jamais será conhecido, porque naquele momento a porta se abriu, e uma jovem surgiu na sala. Quando ela surgiu no limiar, o sr. Bennett levantou-se imediatamente com uma exclamação e correu, com as mãos estendidas, ao encontro da recém-chegada, que também lhe estendia as suas.

— Edith querida! Espero que não haja nenhuma novidade...

— Tive de vir à sua procura. Oh, Jack, fiquei com tanto medo! É horrível ficar lá sozinha.

— Sr. Holmes, esta é a jovem de quem falei. É a minha noiva.

— Pouco a pouco, íamos chegando a essa conclusão, não é verdade, Watson?
— disse Holmes, com um sorriso.

— Suponho, srta. Presbury, que haja algum novo aspecto no caso que achou conveniente trazer ao nosso conhecimento. Não é assim?

A nossa nova visitante, uma jovem simpática, de um tipo inglês convencional, retribuiu o sorriso de Holmes enquanto se sentava ao lado do sr. Bennett.

— Quando verifiquei que o sr. Bennett não estava no hotel, calculei que poderia encontrá-lo aqui. É claro que ele tinha me dito que viria consultá-lo. Mas, oh, sr. Holmes, será que não pode fazer nada pelo meu pobre pai?

— Tenho algumas esperanças, srta. Presbury, mas o caso ainda está um

pouco obscuro. Talvez o que a senhorita traz lance uma nova luz sobre o assunto.

— Foi a noite passada, sr. Holmes. Meu pai tinha estado muito esquisito o dia todo. Estou certa de que em algumas ocasiões ele não se recorda do que faz. Vive num estranho sonho. Ontem foi um desses dias. Não era meu pai a pessoa com quem eu estava vivendo. O invólucro exterior estava ali, mas não era ele realmente.

— Conte-me o que aconteceu.

— Acordei de noite com o cão ladrando furiosamente. O pobre Roy agora está amarrado à corrente, perto do estábulo. Durmo sempre com a porta do meu quarto fechada à chave, porque, como Jack, isto é, como o sr. Bennett poderá lhe dizer, temos todos um pressentimento de desgraça iminente. Meu quarto fica no segundo andar. Aconteceu que o estore da minha janela estava suspenso, e havia luar. Enquanto eu, deitada, tinha os olhos fixos no feixe de luz, escutando o ladrar frenético do cão, fiquei assombrada ao ver o rosto do meu pai, olhando para mim. Sr. Holmes, quase morri de susto e de horror. Lá estava ele, seu rosto, colado à vidraça, e uma das mãos parecia erguer-se como que para abrir a janela. Se ela tivesse sido aberta, creio que eu teria enlouquecido. Não era ilusão, sr. Holmes. Não vá pensar que acredito em fantasmas. Ouso dizer que, durante uns vinte segundos mais ou menos, fiquei paralisada, olhando para aquele rosto. Então o rosto desapareceu, mas faltou-me ânimo para saltar da cama e seguir meu pai. Continuei deitada, gelada, tremendo até de manhã. Quando nos encontramos para a primeira refeição, ele se mostrou desabrido e rude, sem fazer qualquer alusão à aventura da noite. Eu também não toquei no assunto, mas, dando uma desculpa, vim à cidade e dirigi-me para cá.

Holmes pareceu muito surpreso com a narrativa da srta. Presbury.

— Minha cara, diz então que seu quarto fica no segundo andar. Existe no jardim alguma escada de mão?

— Não, sr. Holmes; aí é que o assombro culmina. Não há possibilidade de se alcançar a janela, e contudo meu pai chegou lá.

— E a data foi 5 de setembro — comentou Holmes. — Isso certamente complica a questão.

Então quem se surpreendeu foi a jovem.

— É a segunda vez que o senhor alude à data, sr. Holmes — disse Bennett. — Será



possível que isso tenha alguma relação com o caso?

— É possível, muito possível, e no entanto, presentemente, não disponho de todos os dados de que preciso.

— Quem sabe o senhor está pensando na relação entre a loucura e as fases da Lua?

— Não, pode ficar certo de que não é isso. O curso das minhas idéias vai bem além desse ponto. Creio que não porá objeção em deixar comigo sua agenda, para que eu possa me orientar quanto às datas. Agora creio, Watson, que nosso rumo já está bastante claro. Esta jovem acaba de nos informar (e tenho a maior confiança na intuição dela) que seu pai pouco ou nada se lembra do que sucede em certos dias. De modo que iremos a sua casa, como se ele nos tivesse marcado uma entrevista em tal data. Ele deve considerar a coisa como falta de memória de sua parte. E assim iniciaremos nossa campanha, observando-o de perto.

— Excelente idéia — disse o sr. Bennett. — Previno-o, entretanto, de que o professor às vezes é irascível e violento.

Holmes sorriu.

— Há razões para irmos imediatamente, razões prementes, se é que minhas teorias têm uma boa base. Amanhã, sr. Bennett, estaremos com toda a certeza em Camford. Lá existe, se bem me lembro, uma estalagem chamada Tabuleiro de Xadrez, onde o porto é acima do medíocre e o asseio, irrepreensível. Estou desconfiado, Watson, de que a nossa sorte, nos próximos dias, está em lugares menos aprazíveis.

A manhã de segunda-feira surpreendeu-nos a caminho da famosa cidade universitária — esforço fácil da parte de Holmes, que não tinha coisa alguma que o prendesse, mas nada fácil para mim, que, naquela época, estava com uma clientela que não era de desprezar, sendo-me necessário modificar planos e andar depressa para perder o mínimo de tempo possível. Holmes não fez nenhuma referência ao caso até depois de guardarmos nossas malas na velha hospedaria de que havia falado.

— Watson, creio que podemos apanhar o professor pouco antes do almoço. Ele dá aula às onze horas, e aproveitaremos em sua casa o intervalo que se segue.

— Que pretexto temos para visitá-lo?

Holmes relanceou os olhos pelo seu bloco.

— Houve um período de agitação em 26 de agosto. Vamos supor que ela tenha a memória um tanto nublada em relação ao que faz em tais dias. Se insistirmos em que nos encontramos ali de acordo com uma combinação prévia, acho que dificilmente se arriscará a nos contradizer. Você tem o

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

